

Sarney cobra apoio dos EUA para abrandar FMI

Shultz disse que acredita na retomada do crescimento, mas apontou obstáculos no caminho

EBN



Sarney reuniu-se com Shultz, que estava acompanhado do general Walters (esq)

ARNOLFO CARVALHO
Enviado Especial

Nova Iorque — O presidente José Sarney disse ontem diretamente ao secretário de Estado norte-americano, George Shultz, que o Brasil quer a intervenção dos Estados Unidos para que os organismos internacionais, como o Fundo Monetário International, reabram a discussão sobre o encaminhamento da dívida externa, abandonando a "fórmula ortodoxa que tem provocado recessão" nas economias devedoras e procurando aplicar o princípio da "co-responsabilidade solidária", como primeiro passo para a América Latina voltar a ter o crescimento necessário ao pagamento dos compromissos externos.

Durante a audiência de 45 minutos com o Presidente, o secretário deixou de lado a tradicional retórica americana, de só admitir a renegociação das dívidas em bases técnicas, entre cada país devedor e os bancos credores, e explicou que "os Estados Unidos estão cientes da seriedade do tema", acreditando que a resposta está realmente na retomada do crescimento. "O problema é como chegar até lá, pois no caminho há obstáculos como a inflação e os déficits orçamentários dos países, inclusive dos Estados Unidos", disse Shultz, sem contudo responder à proposta brasileira de reabrir a discussão e tratar o endividamento como uma questão política.

"O Brasil deseja ser uma fonte de estabilidade no contexto latino-americano, mas é necessário que a questão da dívida externa seja pensada em conjunto com os Estados Unidos e com os demais países do continente", disse o Presidente, de acordo com o relato feito por seu assessor de política externa, Rubens Ricupero, após o encontro no Hotel Intercontinental. Shultz ouviu também uma referência à ameaça que o crescente protecionismo dos países industrializados representam, por "multiplicar as dificuldades" na medida em que diminui a capacidade exportadora, comprometendo os saldos

comerciais necessários ao pagamento do serviço da dívida externa. Sarney informou que apreciava a decisão do presidente Ronald Reagan, de impedir a imposição de barreiras à entrada de calçados brasileiros, esperando que esta atitude de resistência ao protecionismo seja mantida.

O secretário de Estado respondeu que concordava inteiramente com as colocações e que, em sua opinião, o que o Brasil precisa nesta área não é de mais empréstimos externos, e sim de mais capital de risco para investimento em



sua economia. Acrescentou que considera necessário "usar a imaginação e a criatividade" para superar os constrangimentos à retomada do crescimento econômico. Nesta altura o presidente Sarney respondeu que "é preciso sobretudo exercitar o esforço de negociação", insistindo em sua proposta e lembrando como exemplo a situação política brasileira, onde foi possível passar ao regime democrático através do entendimento interno. Lembrou mais uma vez que o Brasil não é um risco econômico, mas pode ser um

risco político "devido às pressões que surgem com a crise econômica e social".

O Presidente aproveitou para criticar mais uma vez "os organismos internacionais cujas fórmulas ortodoxas não têm dado certo em nenhum lugar e no Brasil provocaram recessão", observando ser necessário que estes organismos — numa referência implícita ao FMI — aceitem discutir novas alternativas. Concordou com Shultz de que é preciso estimular os investimentos de capital de risco, mas acrescentou que para isso é preciso haver confiança. "É importante reconstruir a esperança, fazer com que a economia volte a ter perspectiva concreta de crescimento, mas para isso é necessário a co-responsabilidade solidária", enfatizou, de acordo com o relato feito por Ricupero.

O secretário norte-americano ouviu ainda a observação do presidente Sarney sobre o esgotamento da atual fórmula de renegociação da dívida externa a partir dos ajustamentos determinados pelo FMI. Repetindo conceitos emitidos no dia anterior, o Presidente disse que a atual fórmula "está perto da exaustão" e que não se pode imaginar a aplicação de medidas como cortes de despesas e aumento da austeridade monetária ano após ano. Acrescentou que não se pode conceber também que as economias latino-americanas, que antes eram importadoras de capital, continuem agora fazendo a transferência líquida de capitais para os Estados Unidos.

Logo no início da conversa, o Presidente agradeceu a carta do próprio George Shultz, recebida ontem de manhã, em que o secretário americano elogiou seu pronunciamento feito no dia anterior perante a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas. Na carta, o secretário diz ter gostado particularmente das referências que Sarney faz ao papel das democracias na busca da paz mundial e da proposta do Presidente brasileiro em favor de um esforço internacional contra a fome.